



N°5 SUPLEMENTO FEV 2018

REVISTA CIENTÍFICA DA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE DESPORTO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

ANSIEDADE E ORIENTAÇÃO MOTIVACIONAL

NOS JOGOS PARALÍMPICOS BARREIRAS À PRÁTICA DA ATIVIDADE FÍSICA ADAPTADA

PORTOIN SPORT

ALUNOS SURDOS QUE RESP<u>ONSABILIDADES</u>

Diretor Editorial

Mário Lopes (FPDD)

Diretores Editoriais Adjuntos

Hugo Sarmento (FCDEF-UC) e Salomé Marivoet (ULHT)

Conselho Editorial

Alexey Baryaev (St. Petersburg University), Anabela Vitorino (ESDRM), António José Silva (FPN), Antonino Pereira (ESEV), Ash Routen (Loughborough University), Augusto Baganha (IPDJ), Bruno Sena Martins (CES), Carla Filomena Silva (Nottingham Trent University), Carla Lourenço (UBI), Carlos Paula Cardoso (CDP), Cláudia Pinheiro (ISMAI), David Rodrigues (ANDES), Fernando Fontes (CES), Humberto Santos (INR), Jorge Carvalho (IPDJ), José Carlos Lima (PNED), José Manuel Constantino (COP), José Manuel Lourenço (CPP), José Pedro Ferreira (FCDEF-UC), Leila Marques (CPP), Leonor Moniz Pereira (FMH), Luís Gomes Costa (CMO), Maria João Campos (FCDEF-UC), Paula Campos Pinto (ISCSP), Renato Nunes (CNR-SCMP), Rui Corredeira (FADE-UP), Sofia Santos (FMH-UL), Stevo Popovic (Montenegro University) e Zoran Milanovic (University of Nis).

Edição

Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência Rua Presidente Samora Machel, Lote 7, r/c direito 2620 – 061 Olival Basto – PORTUGAL + 351 21 937 99 50

www.fpdd.org

rfpdd@fpdd.org

Índice

6. Editorial

7. Comissão Científica do I Congresso de Atividade Física Adaptada da Cidade do Porto

Comunicações dos Palestrantes Convidados

10. Social Inclusion through PE and Sport

Martin Mansell

11. O Desporto Adaptado no Desporto Escolar

Jorge Parreira e Maria João Crespo

12. Relato de experiência de um atleta de Boccia no Desporto Escolar

Tiago Tavares

13. O Desporto Escolar no Agrupamento de Escolas de Águas Santas

Vasco Ferreira

14. O Desenvolvimento dos Atletas – Da captação à Seleção

Inês Lopes

15. Competir no BCR em Portugal: os limites auto-impostos

Pedro Bártolo

16. A Integração de Atletas Com e Sem Deficiência no Mesmo Grupo de Treino

Nuno Alpiarça

17. Desporto na comunidade – Barreiras ou oportunidades?

José Patrício

Comunicações Orais – 02/02/2018

18. Benefits of Hippotherapy in the Acquisition and Improvement of Psychomotor and Mathematical Skills - A Case Study in Individuals With Intellectual Disability

Liliana Arezes, Maria-Raquel G. Silva

19. Adultos com Deficiência Intelectual: Efeitos da Atividade Motora nas Habilidades de Manipulação

Jaqueline da Silva, Lucas Nascimento, Alexsandro de Lima, Lionela Corrêa, Kathya Lopes, Minerva Amorim

- **20.** Avaliação do Equilíbrio de Crianças com Síndrome de Down Praticantes de Dança Elvio Boato, Michael do Vale, Wanlesberg de Sousa
- 21. A Psicomotricidade na Estimulação de um Aluno de Escola Pública com Transtorno do Espectro do Autismo: Um Estudo de Caso

Victor de Souza, Elvio Boato

- 22. Barreiras à Prática de Atividade Física Adaptada: A Perspetiva dos Familiares Lia Couto, Laura Freitas, Rui Corredeira, Mariana Cunha, Ana Sousa
- 23. Alunos Surdos na Aula de Educação Física Que Responsabilidades?

Fátima Sarmento, Rui Corredeira, Orquídea Coelho

24. Glossário de Atividades Físicas e Desportivas em LGP

Fátima Sarmento, Rui Corredeira, Orquídea Coelho

25. Ansiedade e Orientação Motivacional dos Praticantes de Atletismo Presentes nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro 2016

Eduarda Coelho, Carla Lourenço

Comunicações Orais – 03/02/2018

26. Fatores que Influenciam a Participação das Pessoas com Deficiência na Atividade Física: Revisão Sistemática

Rui Damas, António Rosado, Leonor Moniz-Pereira

27. Athletes' Attitudes About Food and Supplementation in Adapted Sports

Rui Freitas, Maria-Raquel G. Silva

28 Andebol Para Atletas com Deficiência Intelectual: A Perspetiva dos Técnicos

Helena Silva, Paula Portugal, Ana Sousa

29. Perspetivas Sobre a Aplicação de Técnicas de Preparação Psicológica: Estudo com Atletas de Elite do Desporto Adaptado

Tânia Bastos, Rui Corredeira, António M. Fonseca

30. Partilhar Dentro da Caixa: Clubes, Comunidade e Inclusão Social

Nuno Silva, Pascale Millecamps

31. Atendimento Educacional Especializado para Alunos com Transtorno do Espectro do Autismo Segundo a Teoria de Henri Wallon

Elvio Boato, Raissa Pinto, Stheffany Feliciano, Algusto de Albuquerque

32. Influência de um Programa de Intervenção Motora de Mini Trampolim na Composição Corporal de Jovens e Adultos com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais?

Carla Lourenço, Dulce Esteves

Índice

Comunicações Poster

33. Da Teoria à Prática: Formação de Profissionais em Desporto Adaptado

Pedro Pires, Helena Mesquita, Sergio Ibañez, João Serrano, António Machado

34. Avaliação de Adultos com Acidente Vascular Encefálico Praticantes de Atividades Motoras

Andreza Silva; Minerva Amorim; Kathya Lopes; Alexsandro Lima

35. O Espetro de Inclusão – Uma Proposta Metodológica em Atividades Físicas e Desportivas

Maria João Campos

36. Trilha Sensitiva – Uma Estratégia de Inclusão

André Melo

Editorial

O I Congresso de Atividade Física Adaptada da cidade do Porto decorrerá nos dias 2 e 3 de fevereiro de 2018 na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP).

A organização deste evento congrega vários parceiros que são intervenientes ativos e diretos na área da Atividade Física Adaptada da cidade do Porto. As sinergias entretanto estabelecidas entre todos resultaram na criação do Movimento PortoInSport.

Este Movimento visa promover a reflexão sobre a iniciação à prática desportiva e as oportunidades criadas ao nível da Escola e do Clube para pessoas com deficiência, bem como promover a formação especializada de professores e treinadores/técnicos desportivos, agentes que consideramos determinantes neste processo.

O programa deste congresso contempla uma seleção de conferencistas e formadores de referência que contribuirão para a consolidação de competências determinantes na definição da identidade profissional na área da atividade física adaptada.

Para o sucesso desta iniciativa, o PortoInSport convida todos aqueles que se identificam com este movimento a participar neste congresso, usufruindo ao mesmo tempo das maravilhas que a bela cidade do Porto hoje, mais que nunca, oferece a quem a visita.

O Coordenador do Congresso,

Rui Corredeira

Comissão Científica do I Congresso de Atividade Física Adaptada da Cidade do Porto

Rui Corredeira (FADEUP)



Rui Corredeira é Professor Auxiliar e membro do Conselho Executivo da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP). É doutorado em Ciências do Desporto e é Diretor do Curso de Mestrado em Atividade Física Adaptada, bem como o Coordenador do Departamento de Atividade Física Adaptada da FADEUP. É membro do Centro de Investigação em Atividade Física, Saúde e Lazer (CIAFEL). Supervisiona diversas teses de Doutoramento e Mestrado na área da Atividade Física Adaptada. Os seus interesses ao nível do ensino e investigação centram-se na análise das variáveis psicossociais em contextos inclusivos. Mais recentemente, desenvolve uma linha de investigação na área da Saúde Mental e Atividade Física.

Ana Sousa (FADEUP)



Ana Sousa é Doutorada em Ciências do Desporto pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, com trabalhos desenvolvidos e publicados na área do Desporto Adaptado e Desporto Paralímpico. É Mestre em Atividade Física Adaptada pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e Licenciada em Desporto e Educação Física pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. É docente no Gabinete de Atividade Física Adaptada da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, desde 2009 e professora de Educação Física (grupo 620). É a Coordenadora Técnica da Secção de Desporto Adaptado do Castêlo da Maia Ginásio Clube.

Tânia Bastos (FADEUP)



Tânia Bastos é Professora Auxiliar Convidada na Universidade do Porto (FADEUP) e no Instituto Universitário da Maia (ISMAI). É doutorada em Ciências do Desporto pela Universidade do Porto e doutorada em Ciências Biomédicas pela Universidade Católica de Leuven (Bélgica). É investigadora no Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto (FADEUP) e no Centro de Investigação em Ciências em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (ISMAI). Os seus interesses ao nível da investigação focam a inclusão em contextos educativos, a preparação psicológica no desporto adaptado e o movimento Paralímpico. É autora de artigos científicos e capítulos de livros de âmbito nacional e internacional.

Mário Lopes (FPDD)



Mário Lopes possui a Licenciatura em Ciências do Desporto e Educação Física, FCDEF – U. Coimbra e o Mestrado em Sociologia do Desporto, CRSS – U. Leicester, UK. É doutorando na U. Aberta – Diploma de Estudos Avançados em Sustentabilidade Social e Desenvolvimento (doutoramento incompleto). Possui também o Curso de Valorização Técnica em Administração e Gestão Escolar – Instituto Nacional de Administração. É Presidente da FPDD, atleta federado de futebol (12 anos); voleibol (2 anos) e goalball (12 anos); atleta da seleção nacional de goalball. É Diretor da Revista Científica da FPDD "Desporto e Atividade Física para Todos". Foi formador e orador convidado da DGE nas Semanas da Formação do Desporto Escolar em 2016 e 2017. Ocupou diversos cargos de gestão intermédia em escolas públicas e lecionou diversas disciplinas no âmbito do GR 620. Foi consultor em Gestão da Qualidade e Avaliação Institucional,

gestor de cerca de uma dezena de projetos internacionais e coordenador dos cursos de dupla certificação.

José Pedro Ferreira (FCDEF-UC)



Nascido em Lisboa, José Pedro Ferreira é Professor Associado na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Portugal. Concluiu a sua licenciatura em Educação Física (1991), e em Educação Especial e Reabilitação (1993) e o seu Mestrado em Desenvolvimento Motor da Criança (1998) na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa. Em 2002, completou o Mphil na Universidade de Exeter e em 2004 o doutoramento em Ciências da Saúde e do Exercício na Universidade de Bristol, Reino Unido, sob a supervisão do Professor Kenneth R. Fox. De 2007 a 2011 foi diretor da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, na Universidade de Coimbra, Portugal. Os seus atuais interesses de pesquisa estão focados nos efeitos psicológicos e

cognitivos do exercício em grupos especiais. Desde 2005, é coordenador do Curso de Mestrado em Exercício e Saúde em Populações Especiais, na Universidade de Coimbra e desde 2009 é presidente do Observatório do Desporto da Universidade de Coimbra. A nível internacional, José Ferreira é, desde 2010, Professor convidado do Mestrado Erasmus Mundus em Atividade Física Adaptada, na Universidade de Leuven, Bélgica. Entre 2006 e 2014 foi vice-presidente e presidente eleito da Federação Europeia de Atividade Física Adaptada e desde Outubro de 2014 foi nomeado presidente da EUFAPA.

Maria João Campos (FCDEF-UC)



Maria João Carvalheiro Campos é Professora Auxiliar na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Os seus interesses de investigação centram-se nas perceções da comunidade escolar face à inclusão na aula de Educação Física. É coordenadora da especialização (e-learning) e do mestrado em Exercício e saúde em populações especiais da FCDEF-UC e do Núcleo de Estudos de Atividade Física Adaptada (NEAFA FCDEF-UC).

Fátima Sarmento (ISMAI/FC Porto)



Fátima Sarmento é Doutorada em Ciências do Desporto pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto com várias publicações científicas na área da Surdez, onde se destacam, Tese de Doutoramento "A Língua Gestual na Educação Física e no Desporto – (Re)pensar as ferramentas de ensino e a formação da equipa pedagógica" – Investigação da prática dos professores de educação física nas EREBAS. É a responsável pela criação de um Gestuário de Desporto em LGP. As suas principais áreas de interesse são: Desporto e Inclusão; Atividade Física Adaptada; Educação Física e alunos com NEE. É docente no Instituto Universitário da Maia – Ismai e vogal do Conselho de Arbitragem da FPDD. É Técnica de Natação Terapêutica no FC Porto desde 1988.

Ariel Villagra (UPM)



Ariel Villagra é Professor no Departamento de Educação, Desporto e Motricidade Humana da Faculdade de Formação de Professores e Educação da Universidade Autónoma de Madrid. É doutorado em Ciências da Atividade Física e do Desporto da Universidade Politécnica de Madrid. É o responsável pela implementação do primeiro e único Mestrado de Atividade Física Adaptada em Espanha. As suas linhas de investigação focam a problemática social da pessoa com deficiência, qualidade de vida e saúde. É autor de publicações científicas de nível internacional e investigador em diversos projetos financiados. Colabora com diversas Universidades estrangeiras na docência de cursos de pós-graduação e investigação.

Jesús Molina Saorín (UACJ)



Jesus Molina exerce a sua atividade profissional como Professor Titular e é investigador no Departamento de Didática e Organização Escolar da Faculdade de Educação da Universidade de Murcia. É Professor Associado na Universidade Autónoma de Cuidad Júarez (México). É atualmente Vicedecano para a Investigação. É formado em Pedagogia e em Educação Física. É doutorado em Pedagogía pela Universidade de Murcia (2001) e doutorado em Ciências do Desporto pela Universidade do Porto (2013) com o título de Doutoramento Europeu. É investigador principal no grupo de investigação Diversidad Funcional y Derechos Humanos (DIDE), e promotor de diversos protocolos com diferentes universidades do Brasil e Portugal. É profesor **Jesús**

Minerva Amorim (UFAM)



Minerva Leopoldina de Castro Amorim é graduada em Licenciatura Plena em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas e Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade de Educação/UFAM. Possuí o Mestrado em Atividade Física Adaptada pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto/PT e Doutorado pela Faculdade de Ciências do Deporto pela Universidade do Porto/PT. Atualmente é Professora Adjunta I na Faculdade de Educação Física e Fisioterapia/UFAM e coordena o Programa de Extensão Programa de Atividades Motoras para deficientes – PROAMDE.

Social Inclusion through PE and Sport

Martin Mansell



Martin Mansell está envolvido no desporto adaptado desde 1975. Inicialmente como atleta participando em 2 Jogos Paralímpicos (9 vezes medalhado paralímpico), 2 Campeonatos do Mundo, 2 Campeonatos da Europa e 15 outras competições internacionais (Natação) e, mais tarde, como treinador. Desde 1989 trabalha como consultor freelancer na área da inclusão na educação física e desporto, no que se refere à formação nas escolas até ao nível Paralímpico. Em 2000 desenvolveu o primeiro programa curricular de Educação Paralímpica na escola em conjunto com a British Paralympic Association e a NASUWT (associação de professores). Tem trabalhado com o Comité Paralímpico Britânico no programa de Educação nas Escolas designado Ability v Ability. É também tutor nacional e internacional no

desenvolvimento de práticas inclusivas no desporto e na educação física no contexto escolar e universitário. Foi vice-presidente da Federação Internacional de Atividade Física Adaptada até 2016. Foi também o primeiro presidente da Comissão de atletas da British Paralympic Association, assim como o presidente da Comissão Internacional de atletas Paralímpicos. A sua paixão pela Natação não terminou nos Jogos Paralímpicos, tendo criado um dispositivo de flutuação para pessoas com necessidade severas (Floatsation. Com). Assim sendo, a experiência de Martin é extensa e ele sente que isso lhe permite ter uma perspetiva única sobre o verdadeiro significado da inclusão no desporto e na educação física.

Martin Mansell will share his personal and professional experiences on how sport has influenced his life from grassroots to Paralympic medallist (Swimming) and back to grassroots. This keynote presentation will focus on how Martin users Sport and Physical Education (PE) in mainstream schools and the community to enhance and empower social inclusion for all. He will talk about the benefits of sport and how it played a part in his life when in special school and how that helped him to address his personal approach to sport/PE and life.

It looks at how we can use para/ disability sport for All in a PE programme which provides a more inclusive environment and breaks down the barriers and helps us all in developing an Inclusive PE programme. He believes a great PE/ sports programme provides a **Fit for Life** approach which keeps you active in later life. This is very beneficial particularly if you have a disability. **He's motto** is all about "Putting Ability First".

O Desporto Adaptado no Desporto Escolar

Jorge Parreira e Maria João Crespo



Maria João Crespo é licenciada em Educação Física e Desporto pela Faculdade de Motricidade Humana. É Professora de Educação Física desde 1993 e atualmente exerce funções no Agrupamento de Escolas das Laranjeiras. Desde 2013 é Coordenadora Nacional do Desporto Adaptado no Desporto Escolar.



Jorge Parreira é licenciado em Educação Física e Desporto pela ULHT. É Coordenador Nacional do Desporto Adaptado do Desporto Escolar na Direção-Geral da Educação do Ministério da Educação e foi colaborador da APPC (Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral) de Lisboa. É árbitro internacional de Boccia e é formador creditado pelo Conselho Científico-Pedagógico da formação contínua. Foi preletor em diversos seminários/conferências na área do Desporto Adaptado e é coautor do manual Geral e do manual de Boccia no âmbito do projeto Desporto com Sentido.

Relato de experiência de um atleta de Boccia no Desporto Escolar

Tiago Tavares



Tiago Tavares é Tricampeão Individual Nacional Desporto Escolar Adaptado pela Escola Secundária Águas Santas (Épocas: 2014/2015; 2015/2016; 2016/2017) e Bicampeão Pares e Equipas Nacional Desporto Escolar Adaptado pela Escola Secundária Águas Santas. Foi Campeão Individual Nacional Torneio Sub23, pela APPC na época 2013/2014 e pelo FC Porto na época 2016/2017) e 3ª Classificado Pares e Equipas no Campeonato Nacional pelo Futebol Clube do Porto (Época: 2016/2017). Destaca-se, ainda, a participação nos European Para Youth Games 2017, pela Seleção Nacional.

Como jovem atleta e praticante da modalidade de boccia, pretendo descrever detalhadamente as épocas desportivas em que participei, tanto a nível de desporto escolar como no desporto federado, com resultados e classificações nas respetivas competições. irei também evidenciar aquela que foi a minha primeira experiência internacional num torneio para jovens atletas no "European Para Youth Games", em Génova, Itália. Onde conquistei a medalha de ouro na categoria de individual e juntamente com o meu companheiro Luís Caravana também a medalha de ouro na categoria de pares.

O Desporto Escolar no Agrupamento de Escolas de Águas Santas

Vasco Ferreira



Vasco Ferreira é Licenciado em Educação Física e Desporto e Mestre em Atividade Física Adaptada. É o Selecionador Nacional de Futebol de 7 da Paralisia Cerebral – PCAND e o Treinador de Futebol de 7 da Paralisia Cerebral do Futebol Clube do Porto. É Professor de Educação Física e responsável pelo grupo equipa de Boccia da Escola Secundária de Águas Santas.

Uma reflexão sobre o trabalho realizado numa Escola com mais de 1700 alunos, cuja oferta desportiva para alunos com necessidades educativas especiais é vasta e diversificada. Um exemplo de boas práticas, com alguns resultados de relevo ao nível do desporto escolar.

O Desenvolvimento dos Atletas - Da Captação à Seleção

Inês Lopes



Inês Lopes foi Selecionadora da Equipa Nacional Sueca Masculina Basquetebol em Cadeira de Rodas 2005-2008. Recebeu o Prémio de melhor treinador desportivo da zona de Gotemburgo, escolhida pelo Jornal Göteborg Posten 2007 (todas as modalidades, com e sem deficiência) e foi escolhida entre os 4 melhores treinadores na Gala do Desporto da Suécia (todas modalidades, com e sem deficiência) em 2008. Possuí os seguintes títulos como treinadora de Basquetebol em cadeira de rodas: Medalha Bronze Campeonato Europeu 2005; 6º lugar Campeonato do Mundo 2006; Medalha de Ouro Campeonato Europeu 2007 e 11º lugar nos Jogos Paralímpicos dePequim 2008. Desde 2010, é diretora desportiva da Federação Sueca de Desporto Adaptado e diretora desportiva do Comité

Paralímpico Sueco. Fez parte da direção operacional sueca nos Jogos Paralímpicos de Londres 2012 e do Rio de Janeiro 2016. Em 2017 assumiu o título de Chefe de Missão dos Jogos Paralímpicos de Verão, primeiro objetivo Tóquio 2020.

O papel dos clubes é essencial para o acompanhamento do desenvolvimento do atleta. Depois de uma análise extensiva feita a nível internacional, conseguimos identificar certos fatores que são muito importantes que cada organização deve ter estabelecido na sua forma de trabalhar (tanto a nível local com o nível central) para poder facilitar a este desenvolvimento.

Estes fatores vão ser explicados tal quanto a importância do papel que as câmaras e também as federações têm para poder ajudar e facilitar os clubes neste processo.

Competir no BCR em Portugal: Os Limites Auto-impostos

Pedro Bártolo



Pedro Bártolo possui a Licenciatura em Ciências da Comunicação, vertente Jornalismo, na FLUP e o Mestrado em Atividade Física Adaptada, na FADEUP. É Jogador profissional de Basquetebol em cadeira de rodas há 4 anos (1 na segunda e 3 na primeira liga espanhola), internacional por Portugal em 3 campeonatos da Europa. É o responsável pela cobertura noticiosa do Basquetebol em cadeira de rodas para a Federação Portuguesa de Basquetebol. É treinador da primeira equipa de formação de BCR do país, no Basket Clube de Gaia e Coordenador Técnico do Basquetebol em cadeira de rodas, no Basket Clube de Gaia.

Portugal debate-se ainda com demasiados óbices para um crescimento sustentável e estimulante do atleta no clube.

- 1 Persiste uma conceção profundamente paternalista face ao desporto adaptado, que o destitui de caráter competitivo e torna difícil uma organização eficaz dos atletas consoante as suas aspirações. Ao englobarmos Recreação e Competição no mesmo patamar, ninguém colhe da prática desportiva o que pretende. Os que ambicionam o alto rendimento veem-se aprisionados numa estrutura demasiado amadora, sem qualquer tónico para a sua evolução, e os que concebem o desporto como uma atividade lúdica esbarram em exigências e níveis de jogo desadequados às suas pretensões;
- 2 Amplitude etária. Reconhecendo a maior longevidade do jogador de BCR e a dificuldade em estratificar os praticantes devido à sua escassez comparativamente à realidade regular, tal não justifica a total ausência de preocupação com o tema, que conduz a: negligência na transmissão das bases do jogo ao atleta que se inicia, por força da natureza coletiva da modalidade implicar uma envolvência precoce com os atletas mais experientes; chegado a um grau de amadurecimento físico e técnico-táctico, o treino não é suficientemente desafiante devido à idade avançada de muitos dos colegas. Mais uma vez, ressalta-se a necessidade de traçar uma linha entre recreação e competição;
- 3 Baixa carga horária e prática de várias modalidades em simultâneo. Decorre no meu entendimento de: dificuldade financeira dos clubes para assegurarem mais do que 2 treinos semanais; e de um "automenosprezo" do jogador de BCR, alheio às exigências da elite e que, em determinados casos, ainda concilia a prática de uma modalidade extra circunstância essa que por si só não encerraria nada de errado caso este não expressasse a intenção paradoxal de atingir a alta competição. Uma participação do BCR português (a convite em 1972) em 15 edições dos Jogos. Será acaso?

A Integração de Atletas Com e Sem Deficiência no Mesmo Grupo de Treino

Nuno Alpiarça



Nuno Maria Labão Antunes Alpiarça, natural de Lisboa, licenciado em Educação Física e Desporto, pela FMH em 1992, é Professor do Quadro do Agrupamento de Escolas de Fernando Pessoa – Lisboa. É Treinador de Atletismo Adaptado nas áreas da deficiência Visual e Intelectual – Carlos Lopes (1999/2008), Gabriel Potra (2004-17), Luís Gonçalves (2007-2017). Entre 2000 e 2005 foi Assistente Convidado da Disciplina de Teoria e Prática dos Desportos (Atletismo), da Licenciatura em Ed. Física e Desporto, da Universidade Lusófona (Lisboa).

Nuno Alpiarça irá partilhar a sua experiência com o seu grupo de treino em que, a partir de 1999, integrou Atletas com e sem deficiência.

O Treinador de Atletas como Carlos Lopes, Gabriel Potra e Luís Gonçalves dá-nos a sua visão relativamente ao papel do treinador, às dinâmicas sociais dentro do grupo, às razões que fundamentam a integração de atletas com e sem deficiência no mesmo grupo de treino e suas condicionantes, aos fatores a ter em atenção na adaptação do treino de alto rendimento a atletas com deficiência visual.

Desporto na comunidade - Barreiras ou oportunidades?

José Patrício



José Patrício é Licenciado em Biologia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e Professor de Ciências Naturais (Grupo 520). É Presidente do Conselho Geral Agrupamento Escolas Terras de Larus, Presidente da Associação de Paralisia Cerebral de Almada Seixal e Vogal da Direção da PCAND – Paralisia Cerebral, Associação Nacional de Desporto. É Representante do Desporto adaptado no Conselho Desportivo Municipal do Seixal e Juiz Social no Tribunal de Família e Menores do Seixal. Coordena o Projeto Desporto com Sentido e é Co-autor do Manual Geral do Projeto Desporto com Sentido.

Todo o enquadramento legal, a começar pela própria Constituição da República Portuguesa, consagra direitos e deveres iguais para todos os cidadãos, incluindo as pessoas com deficiência. O facto de estar enquadrado por pressupostos legais, não implica, necessariamente, uma maior participação ou sequer igualdade de oportunidades.

Apenas com a ratificação da Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência se começam a verificar ténues sinais de alargamento de oferta e uma verdadeira preocupação com a prática desportiva destinada a cidadãos com deficiência.

Estas questões, quase retóricas, levam-nos a questionar o que falha no terreno, nas comunidades de proximidade? Historicamente, o desporto adaptado sempre teve demasiado concentrado nas instituições de deficientes e sempre existiu enorme preocupação com os resultados desportivos, descurando-se a base da pirâmide e a participação em larga escala por parte das crianças e jovens. Com a mudança do paradigma educativo em Portugal, com o ensino inclusivo, criou-se um vazio nas instituições e uma dificuldade emergente de adequação à nova realidade.

Então, as ofertas desportivas, mais diversificadas, nos espaços da comunidade, serão maioritariamente dominados por barreiras ou oportunidades?

Na opinião da equipa de trabalho da APCAS – Associação de Paralisia Cerebral de Almada Seixal, são oportunidades, que se revestem de territórios que podem ser profícuos tanto para as pessoas com deficiência como para as próprias coletividades.

Oportunidades de financiamento, afirmação, crescimento e ecletismo.

Para desbravar as oportunidades, identificámos lacunas que, num trabalho de parceria intenso têm sido supridos na Península de Setúbal. Suprimentos obtidos a partir de gestão partilhada de recursos, investimento na formação, trabalho cooperativo e envolvimento dos decisores políticos regionais que, reconhecem estes avanços como verdadeiras ações de boas práticas.

Benefits of Hippotherapy in the Acquisition and Improvement of Psychomotor and Mathematical Skills - A Case Study in Individuals With Intellectual Disability

Liliana Arezes¹, Maria-Raquel G. Silva^{2,3,4}

¹Faculty of Human and Social Sciences, University Fernando Pessoa, Porto, Portugal; ²Faculty of Health Sciences, University Fernando Pessoa, Porto, Portugal; ³Research Centre for Anthropology and Health, University of Coimbra, Coimbra, Portugal, ⁴Scientific Commission of the Gymnastics Federation of Portugal, Lisbon, Portugal.

Introduction

From an early age, hippotherapy has been recognized as a therapeutic instrument that can be used as a complementary or alternative way to traditional therapies in order to minimize clinical aspects of the disability.

Objetives

This case study evaluated the effects of hippotherapy on psychomotor and mathematical skills in young adults with intellectual disability and compared the effects after 9 months.

Methods

This study included 3 adults (1 female and 2 male) with intellectual disability aged between 26 and 39 years. A hippotherapy protocol was performed for 30 minutes, once a week, for 9 months. A grid of observation of psychomotor and mathematical skills was applied to the participants (members of the Associação de Amigos da Pessoa Especial Limiana, A.A.P.E.L.) at the beginning and after 9 months of the school season. Direct interviews were conducted with the AAPEL's technicians and hippotherapy professionals about the participants' riding skills and behaviours. This

study was approved by the Ethical Committee of the University Fernando Pessoa. Participation in this study was voluntary, and informed consent was given by the legal guardians. For the organization and processing of data it was used the Excel software.

Results

There was a significant evolution for psychomotricity, especially in balance, coordination and fine motor; social interaction; communication; and behaviour. Also a significant difference in the relationship between participants' achievements with the horse and the development of mathematical skills was observed.

Conclusions

Weekly sessions of hippotherapy improved psychomotor and mathematical skills in young adults with intellectual disability after 9 months.

Keywords: hippotherapy, intellectual disability, young adults, psychomotor, mathematics.

ADULTOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: EFEITOS DA ATIVIDADE MOTORA NAS HABILIDADES DE MANIPULAÇÃO

Jaqueline Silva, Lucas Nascimento, Alexsandro Lima, Lionela Corrêa, Kathya Lopes, Minerva Amorim

Adultos com Deficiência Intelectual: Efeitos da Atividade Motora nas Habilidades de Manipulação

Jaqueline da Silva¹, Lucas Nascimento², Alexsandro de Lima², Lionela Corrêa², Kathya Lopes², Minerva Amorim²

¹Universidade Federal de Viçosa; ²Universidade Federal do Amazonas

Introdução

A Deficiência Intelectual (DI) não é uma doença, mas uma condição caracterizada por comprometimento no funcionamento intelectual, manifestando-se antes dos dezoito anos de idade, resultando em prejuízos no comportamento adaptativo, nos padrões de independência pessoal e de responsabilidade social em um ou mais aspectos da vida diária (AAIDD, 2010).

Objetivo

Avaliar a influência de atividades motoras nas habilidades de manipulação de adultos com DI.

Materiais e Métodos

A pesquisa caracterizou-se como quaseexperimental, utilizando o Teste Desenvolvimento Motor Grosso - Segunda Edição (TGMD2) como instrumento para avaliar desempenho dos sujeitos referente às habilidades de manipulação. Participaram da pesquisa 11 adultos diagnosticados com DI moderada, participantes do Programa de Deficientes Atividades Motoras para (PROAMDE), que funciona na Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, na Universidade Federal do Amazonas. Utilizou-se a estatística descritiva e o teste t pareado para verificar

diferenças antes e após a intervenção, adotando p<0,05.

Resultados

Anterior a intervenção, rebater $(5,86\pm1,86)$, quicar $(4,29\pm3,73)$, receber $(3,57\pm1,39)$, chutar $(7,29\pm1,49)$, arremessar $(5,43\pm2,76)$ e rolar $(3,43\pm2,82)$ e posterior rebater $(7,86\pm1,86)$, quicar $(3,86\pm3,85)$, receber $(5,86\pm0,38)$, chutar $(7,43\pm1,81)$, arremessar $(4,86\pm2,61)$ e rolar $(5,00\pm2,57)$.

Conclusões

As habilidades de quicar, chutar e arremessar apresentaram resultados estatisticamente significativos, sugerindo que a intervenção promoveu mudanças na aquisição das mesmas. O programa de intervenção proporcionará ganhos na aquisição de habilidades motoras, mediante planeamento, respeito a individualidade e experiências motoras já adquiridas pelos indivíduos.

Palavras-chave: Deficiência Intelectual; Atividade Motora Adaptada; Manipulação; Adultos.

Avaliação do Equilíbrio de Crianças com Síndrome de Down Praticantes de Danca

Elvio Boato^{1,2}, Michael do Vale², Wanlesberg de Sousa²

¹Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal; ²Universidade Católica de Brasília

Introdução

Crianças com Síndrome de Down (SD) podem apresentar frouxidão ligamentar, problemas articulares, musculares e nas habilidades sensóriomotoras, hipoplasia cerebelar e hipotonia, além de pé plano, caracterizado pelo desabamento do arco plantar. Todos esses problemas levam a dificuldades no controle do equilíbrio, coordenação motora e precisão de movimentos, além de lenta adaptação para execução de tarefas motoras e menor capacidade de alterar as condições do ambiente e para ajustes posturais antecipados.

Objetivo

Avaliar o equilíbrio em crianças com SD matriculadas na Oficina Corpo Expressão do Projeto Espaço Com-Vivências para verificar as contribuições da dança no desenvolvimento do equilíbrio de forma a potencializar o desenvolvimento psicomotor dos alunos.

Materiais e Métodos

Foram utilizados os testes de equilíbrio dinâmico e estático de Ozeretski-Guilman propostos na bateria de avaliação psicomotora de Oliveira (2009) em 17 crianças SD com idade entre 8 e 12 anos, praticantes de dança há 2 anos. A amostra foi selecionada dentre os 28 alunos com SD, matriculados no referido projeto, considerando a faixa etária proposta.

Resultados

A partir dos resultados apresentados, percebeu-se que, apesar das características inerentes à SD relacionadas acima e que influenciam diretamente no equilíbrio geral desse grupo, os resultados obtidos pelos alunos com SD da Oficina Corpo Expressão que participaram desse estudo, considerando suas possibilidades rítmicas e de coordenação, apresentaram um equilíbrio satisfatório que os capacita para a prática esportiva, inclusive em outras modalidades.

Conclusões

Concluiu-se que uma prática continuada e sistematizada da dança pode proporcionar um considerável desenvolvimento no equilíbrio de crianças com SD, o que pode favorecer sua inserção e permanência em programas de iniciação esportiva de forma satisfatória.

Palavras-chave: Equilíbrio, Dança, Síndrome de Down

Referências bibliográficas

Oliveira, C. (2009). *Avaliação Psicomotora à luz da Psicologia e da Psicopedagogia*. Petrópolis: Vozes.

A Psicomotricidade na Estimulação de um Aluno de Escola Pública com Transtorno do Espectro do Autismo: Um Estudo de Caso

Victor de Souza^{1,2}, Elvio Boato^{1,2}

¹Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal; ²Universidade Católica de Brasília

Introdução e objetivo

O presente estudo de caso buscou averiguar o desenvolvimento nos aspectos sociais, psicomotores e comportamentais de um adolescente com Transtorno do Espectro do Autismo, a partir de sua inserção num programa de atividades aquáticas do Projeto Espaço Com-Vivências que utiliza uma metodologia baseada na Psicomotricidade Relacional, método criado pelo educador francês André Lapierre (1994).

Materiais e Métodos

A pesquisa foi feita a partir da observação de uma intervenção corporal não diretiva, realizada no meio líquido com o intuito de promover o desenvolvimento do aluno em questão, visando sua inclusão escolar e social, tendo uma duração de 9 meses. Foram analisados os relatórios das observações, os vídeos feitos durantes as aulas e uma entrevista semiestruturada elaborada especificamente para esse estudo, feita com mãe do aluno.

Resultados

A análise das informações obtidas nesse estudo permitiu concluir que houve um significativo

desenvolvimento do aluno. No aspecto social houve melhora na comunicação e na relação afetiva; no aspecto motor seu repertório foi ampliado e no aspecto comportamental houve melhora na autonomia.

Conclusões

Concluiu-se que os princípios da Psicomotricidade Relacional se mostraram como proposta significativa para o desenvolvimento do aluno em questão, pois se trata de uma metodologia não diretiva, que respeita os limites e potenciais do indivíduo e propõe novas experiências para seu desenvolvimento, ao invés de impor atividades e tarefas, diferente do que aconteceu, segundo relatos da mãe do adolescente, em outras instituições nas quais ele foi atendido.

Palavras-chave: Psicomotricidade Relacional, Autismo, Estudo de Caso

Referências bibliográficas

Lapierre, A. (1994). Coletânia de textos do curso de formação especializada em Psicomotricidade Relacional. Curitiba: CIAR.

Barreiras à Prática de Atividade Física Adaptada: A Perspetiva dos Familiares

Lia Couto¹, Laura Freitas¹, Rui Corredeira¹, Mariana Cunha¹, Ana Sousa¹

¹Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Introdução e Objetivos

Dado o valor que a atividade física possui e os baixos níveis de prática das pessoas com deficiência, o objetivo do presente estudo foi investigar as principais barreiras à prática de atividade física adaptada.

Materiais e Métodos

O grupo de estudo foi composto por 30 encarregados de educação, com educandos com diferentes tipos de deficiência. Para se analisar a opinião dos participantes, recorreu-se à metodologia qualitativa, através do método de entrevista semiestruturada.

Resultados

Após o processo de tematização surgiram vários tipos de barreiras: pessoais, sociais, ambientais e organizacionais. As barreiras pessoais destacadas foram a própria deficiência que impede a participação na prática de atividade física, o medo

e a falta de tempo. Relativamente às barreiras sociais, destacaram-se a falta de compreensão da sociedade, a incapacidade de comunicação e relacionamento e a elevada dependência em terceiros. Nas barreiras ambientais encontramos a falta de transporte, a distância e inacessibilidade aos locais de prática e os contextos ambientais desfavoráveis. Por fim. as barreiras organizacionais incluem a falta de oferta desportiva e divulgação dos locais desportivos, a presença de profissionais inexperientes e as dificuldades financeiras.

Conclusões

Conclui-se que as barreiras pessoais foram as mais referidas pela amostra, seguindo-se as barreiras organizacionais.

Palavras-chave: Atividade física, pessoas com deficiência, barreiras à prática desportiva.

Alunos Surdos na Aula de Educação Física – Que Responsabilidades?

Fátima Sarmento¹, Rui Corredeira², Orquídea Coelho³

¹Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD), Instituto Universitário da Maia, (ISMAI); ²Faculdade de Desporto da Universidade do Porto; ³Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Introdução

A melhoria das habilidades motoras dos alunos surdos e a motivação para a prática desportiva ocorre de forma eficaz, quando é garantido aos alunos o acesso a toda a informação que é disponibilizada pelo professor. Quando o professor não domina a Língua Gestual Portuguesa (LGP) deve ser auxiliado por um intérprete responsável por traduzir toda a informação transmitida. A organização e a estrutura da aula de Educação Física diferem das outras aulas, o que pode vir a dificultar a tarefa dos intérpretes.

Objetivo

Perceber como é que os intérpretes preparavam as condições do processo de comunicação em Educação Física; e conhecer os aspetos que consideravam de maior exigência nas funções de tradução na aula e quais os recursos que utilizavam para desenvolver/aprender vocabulário desportivo em LGP.

Materiais e Métodos

A amostra foi constituída por 44 intérpretes de LGP que desempenhavam funções de tradução/interpretação nas Escolas de Referência para a Educação Bilíngue de Alunos Surdos. Para a recolha dos dados foi utilizado um questionário,

que resultou de uma adaptação do Survey Educational Interpreter Questionnaire utilizado por Storey e Jamieson (2004) por se aproximar do propósito deste estudo.

Resultados

Os resultados revelaram que na grande maioria das vezes "os professores não lhes facultam nenhum material de apoio para a preparação do processo de tradução". "Estar no campo visual dos alunos" e "possuir o conhecimento do vocabulário da LGP adequado aos conteúdos" foram apontados pelos intérpretes, como os aspetos de maior exigência no decurso da sua atividade de tradução. Para o desenvolvimento esclarecimento de vocabulário recorrem maioritariamente ao "colega Intérprete" e ao "professor de LGP".

Conclusões

É da responsabilidade do professor a garantia da aprendizagem dos alunos, devendo este desenvolver um trabalho colaborativo com o intérprete de modo a que a aula seja um local de aprendizagem efetiva.

Palavras-chave: EREBAS, intérpretes, alunos surdos, educação física.

Glossário de Atividades Físicas e Desportivas em LGP

Fátima Sarmento¹, Rui Corredeira², Orquídea Coelho³

¹Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD), Instituto Universitário da Maia, (ISMAI); ²Faculdade de Desporto da Universidade do Porto; ³Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Introdução

Nas Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos (EREBAS), as aulas de Educação Física decorrem em ambiente inclusivo e a prática de uma educação bilingue representa um desafio para os professores de Educação Física. A escassa existência de ferramentas de ensino adaptadas aos alunos pode comprometer o sucesso na disciplina, a motivação para a prática e as suas aprendizagens. Assim, a construção de ferramentas, como é o caso dos manuais, dicionários e glossários, entre outros materiais assume uma importância essencial, quer para a disseminação e aprendizagem da Língua Gestual Portuguesa (LGP), quer para o sucesso destes alunos.

Objetivo

Localizar e recolher os léxicos em LGP específicos da terminologia técnica de seis modalidades desportivas, Andebol, Basquetebol, Futebol, Voleibol, Atletismo e Ginástica Artística; e construir um glossário desportivo.

Materiais e Métodos

Constituída por especialistas/treinadores, atletas das várias modalidades desportivas selecionadas e

surdos nativos falantes de LGP. Para a recolha de dados foi criado um instrumento designado Vídeo dos Gestos Motores (VGM), constituído pela demonstração do *skill* motor referente aos termos técnicos das 6 modalidades. A recolha dos gestos, referentes a cada termo desportivo, foi realizada na comunidade surda e junto de surdos ligados ao desporto, após a visualização do VGM.

Resultados

A edição final consiste numa proposta de Glossário Desportivo, em formato de DVD, constituído por 219 entradas agrupadas por modalidade desportiva, cada palavra/expressão é apresentada em LP escrita, Língua Gestual e pela demonstração do skill motor correspondente.

Conclusões

O glossário desportivo multimédia que foi construído é formado por gestos emergentes oriundos da comunidade surda. Pretende ser uma ferramenta que possa ser utilizada por professores, interpretes e alunos como um complemento de trabalho auxiliar de instrução e aprendizagem nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: EREBAS, Glossário desportivo, LGP, educação física.

Ansiedade e Orientação Motivacional dos Praticantes de Atletismo Presentes nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro 2016

Eduarda Coelho¹, Carla Lourenço²

¹Departamento de Ciências do Desporto, Exercício e Saúde, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - CIDESD; ²Departamento de Ciências do Desporto, Universidade da Beira Interior – CIDESD, CI&DETS

Introdução

Existem poucos estudos acerca das características psicológicas dos atletas Paralímpicos. O conhecimento do perfil psicológico destes atletas possibilita complementar um vasto conhecimento a nível fisiológico e tecnológico, permitindo uma visão mais holística do sucesso destes atletas, facilitando a otimização da performance desportiva e o seu bem-estar (Jefferies, Gallangher & Dunne, 2012).

Objetivo

Caracterizar o perfil psicológico a nível da ansiedade pré-competitiva e orientação motivacional dos praticantes de atletismo presentes nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro 2016 e comparar segundo o sexo, idade e experiência desportiva.

Materiais e Métodos

A amostra foi constituída por 14 atletas paralímpicos de atletismo (7 masculinos e 7 femininos) com 31,4(±11,9) anos de idade e 13,3(±9,8) anos de prática. Aplicamos individualmente a Escala de Ansiedade Estado Competitiva-2 (CSAI-2) e o Questionário de Orientação para a Tarefa e Ego no Desporto (TEOSQ), na semana anterior à participação no Campeonato do Mundo em Londres 2017.

Resultados

Relativamente aos resultados da ansiedade précompetitiva verificou-se: 21,00(±6,29) ansiedade

cognitiva, $21,29(\pm 5,90)$ ansiedade somática e $25,57(\pm 5,05)$ autoconfiança. No que diz respeito à motivação, os atletas apresentaram $2,52(\pm 3,45)$ na orientação para o ego e $2,40(\pm 0,56)$ na tarefa. Apenas se verificaram diferenças significativas quanto ao sexo na ansiedade cognitiva (p=0,001) e na orientação motivacional para a tarefa (p=0,045). As atletas paralímpicas femininas apresentaram valores superiores em ambas as variáveis (25,71 vrs. 16,29; 2,63 vrs. 2,10, respetivamente).

Conclusões

Os atletas Paralímpicos portugueses de atletismo apresentaram valores medianos quanto aos níveis de ansiedade pré-competitiva e autoconfiança. Relativamente à orientação motivacional, os valores são baixos tanto na tarefa como no ego. O sexo revelou ser a única variável que distinguiu a ansiedade cognitiva e a orientação motivacional para a tarefa, diferenças semelhantes às encontradas nos atletas regulares. Sugere-se uma intervenção no sentido de aumentar os níveis de autoconfiança e a orientação motivacional.

Palavras-chave: Ansiedade, motivação, atletismo, atletas paralímpicos

Referências bibliográficas

Jefferies, P.; Gallagher, P. & Dunne, S. (2012). The Paralympic athlete: a systematic review of the psychosocial literature. *Prosthetics and Orthotics International*. *36*(*3*), 278–289.

FATORES QUE INFLUENCIAM A PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA ATIVIDADE FÍSICA: REVISÃO SISTEMÁTICA

Rui Damas, António Rosado, Leonor Moniz-Pereira

Fatores que Influenciam a Participação das Pessoas com Deficiência na Atividade Física: Revisão Sistemática

Rui Damas¹, António Rosado², Leonor Moniz-Pereira¹

¹CIPER, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa, Laboratório de Perícia; ²CIPER, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa, Laboratório de Psicologia do Desporto

Introdução

Até ao momento, poucas foram as revisões sistemáticas que se focaram no ponto de vista dos próprios participantes. Sabe-se ainda pouco quais são as razões que as próprias pessoas com deficiência consideram para a sua reduzida participação na atividade física.

Objetivos

Identificar os fatores que influenciam a participação das pessoas com deficiência na atividade física, segundo o modelo ecológico. Pretendeu igualmente analisar as dimensões objetivas e subjetivas da participação na atividade física por parte das pessoas com deficiência.

Materiais e Métodos

Realizou-se uma bibliográfica pesquisa sistemática e assistida por computador de janeiro de 2006 a dezembro de 2016. Foram utilizados os seguintes termos de pesquisa e respetivos sinônimos: participação, pessoas com deficiência e atividade física. A qualidade metodológica dos estudos incluídos foi avaliada. As dimensões da participação (i.e. objetiva ou subjetiva) foram analisadas. Foi conduzida uma análise de conteúdo para classificar os fatores percebidos em fatores pessoais, ambientais e da tarefa (modelo ecológico). Trinta e quatro estudos foram incluídos nesta revisão sistemática.

Resultados

A maioria dos estudos centraram-se no estudo das pessoas com deficiência motora (71%), enquanto poucos analisaram as deficiências intelectual (6%) e deficiência auditiva (3%). A análise apontou para a prevalência de fatores pessoais em vez de fatores ambientais e da tarefa. Poucos estudos analisaram a dimensão subjetiva da participação da atividade física.

Conclusões

Foram identificados fatores comuns a vários tipos de deficiência que afetam a participação da atividade física: idade, gênero, nível de educação, motivação, autoeficácia, saúde, desempenho físico e preocupações com a saúde, prazer, apoio dos pares e familiares, apoio dos profissionais e acesso de informação. Só foi possível identificar fatores específicos para as populações com deficiência motora e deficiência visual. A dimensão subjetiva da participação deve ser estudada de forma mais abrangente.

Palavras-chave: Barreiras e facilitadores, Modelo ecológico, Desporto.

Athletes' Attitudes About Food and Supplementation in Adapted Sports

Rui Freitas¹, Maria-Raquel G. Silva^{1,2,3}

¹Faculty of Health Sciences, University Fernando Pessoa, Porto, Portugal; ²Research Centre for Anthropology and Health, University of Coimbra, Coimbra, Portugal, ³Scientific Commission of the Gymnastics Federation of Portugal, Lisbon, Portugal.

Introduction

Given, the greater energy expenditure of athletes, they present higher energy and nutritional needs than the general population. However, athletes with para- and quadriplegia have lower energy needs than their peer athletes.

Objetives

The objective of this study was to assess athletes' knowledge and attitudes about food, hydration and supplementation in the different adapted sports.

Methods

Forty-one athletes of adapted sport were evaluated through the application of a questionnaire about food, hydration and supplementation. The participants' anthropometric profile was also measured. From the 41 athletes, 37 were male (90.2%) and 4 were female (9.8%). Athletes had the following deficiencies: Intellectual Disability, Cerebral Palsy, Becker Muscular Dystrophy, Duchenne Muscular Dystrophy, Down Syndrome, Intellectual Disability, Spina Bifida and Visual Impairment. Athletes were provided from 5 different sports: football (43.9%), basketball (7.3%), boccia (12.2%), adapted swimming (31.7%) and adapted table tennis (4.9%).

Results

Female athletes presented normal body weight, while males were overweight. The waist circumference was in both genders within the recommended. The dominant side has less fat mass than the non-dominant side. In general, athletes slept an average of 8hours/night and the number of meals was generally met by most athletes. Concerning the main meals, a large part of the athletes practicing soccer, swimming, table tennis and boccia consumed a source of bread and equivalents, vegetables, meat and equivalents and fruit with a small decrease on the amounts at dinner time. Dietary supplementation used by athletes was reduced; indeed, athletes who trained more hours used less supplementation than those who trained less.

Conclusions

Food habits of athletes who practice adapted sports have been poorly explored, especially in relation to diet and body composition, which can negatively affect the athletes' health and athletic performance.

Keywords: Nutrition, athletes with disabilities, food, supplementation.

Andebol Para Atletas com Deficiência Intelectual: A Perspetiva dos Técnicos

Helena Silva, Paula Portugal, Ana Sousa

¹Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, Portugal; ²Escola Superior de Tecnologia e Saúde do Porto, Porto, Portugal; ³Departamento de Atividade Física Adaptada, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), Portugal

Introdução

O Andebol para atletas com deficiência intelectual é uma modalidade relativamente recente, caracterizada pelo reduzido número de praticantes e competições. Para competir, de forma justa e equitativa, estes atletas são submetidos a um processo de elegibilidade e classificação, que carece de investigação, devido às interrogações e escassez de literatura que o caracterizam.

Objetivos

Neste sentido, foi nossa intenção compreender a perspetiva dos técnicos envolvidos neste contexto, sobre o atual panorama nacional da modalidade, particularmente, o processo de elegibilidade e classificação desportiva dos atletas.

Materiais e Métodos

O grupo de estudo foi constituído por 13 treinadores. Foram realizadas entrevistas

semiestruturadas e, posteriormente, as suas transcrições, das quais emergiram categorias.

Conclusões

Conclui-se que apesar da importância conferida ao desporto, não existe especialização dos atletas ou formação especializada dos treinadores. Apesar da heterogeneidade das condições de prática e níveis competitivos das equipas, os entraves à parte desportiva são comuns. De um modo geral, os entrevistados revelaram falta de conhecimento sobre o processo de elegibilidade e classificação desportiva e opiniões discordantes em relação ao sistema em vigor e possíveis novos sistemas. Efetivamente, este assunto complexo não reúne consenso e carece de maior investigação.

Palavras-chave: Andebol; deficiência intelectual; elegibilidade; classificação desportiva

Perspetivas Sobre a Aplicação de Técnicas de Preparação Psicológica: Estudo com Atletas de Elite do Desporto Adaptado

Tânia Bastos^{1,2,3,4}, Rui Corredeira^{1,5}, António M. Fonseca^{1,2}

¹Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, Portugal; ²Centro de Investigação, Educação, Inovação e Intervenção no Desporto (CIFI2D); ³Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD); ⁴Instituto Universitário da Maia, ISMAI, Maia, Portugal; ⁵Centro de Investigação em Atividade Física, Saúde e Lazer (CIAFEL);

Introdução

O treino das técnicas psicológicas é fundamental para uma adequada preparação psicológica e, consequentemente, para que os atletas atinjam uma performance desportiva de sucesso. No entanto, são escassos os estudos que procuram perceber como é que os atletas do desporto adaptado aplicam as técnicas psicológicas como uma forma de potenciar a sua performance desportiva.

Objetivo

Neste sentido, o objetivo do presente estudo foi examinar o modo como os atletas de elite do desporto adaptado português aplicam técnicas psicológicas (i.e., definição de objetivos, imagética, diálogo interior, e relaxamento) em situação de treino e de competição.

Materiais e Métodos

Para tal, aplicamos uma entrevista semiestruturada a catorze atletas (masculino = 12; feminino = 2), com deficiência motora e visual, praticantes de diversas modalidades paralímpicas no nível elite. Relativamente à análise dos dados, desenvolvemos uma abordagem qualitativa baseada na análise de conteúdo.

Resultados

Com exceção das técnicas de relaxamento, os atletas reconheceram a importância das técnicas psicológicas para a sua performance desportiva. Verificou-se um maior uso das técnicas em situação de competição. Os dados também evidenciaram que os atletas não conhecem todos os benefícios inerentes à aplicação da imagética e diálogo interior, não estando familiarizados com as suas formas de treino. A maioria dos participantes referiu não recorrer a técnicas de relaxamento.

Conclusões

As lacunas evidenciadas no treino de aplicação das diferentes técnicas sugerem que os atletas não beneficiam em pleno das vantagens associadas às técnicas psicológicas.

Palavras-chave: Técnicas psicológicas, desporto adaptado, elite, metodologia qualitativa

Partilhar Dentro da Caixa: Clubes, Comunidade e Inclusão Social

Nuno Silva¹, Pascale Millecamps¹

¹Comunidade Sócio-Terapêutica Casa João Cidade

Introdução

O desporto tem sido utilizado como instrumento de inclusão social de pessoas com deficiência intelectual (DI), através de dinâmicas como as atividades desenvolvidas pelas instituições ou o desporto unificado. Outra via é a da aproximação das condições de prática das pessoas com DI às atividades da comunidade e restantes cidadãos, como foi o caso do projeto "Um Passo em Frente", que aqui é analisado.

Objetivos

A investigação pretendeu conhecer o impacto do projeto na inclusão social dos atletas e compreender o processo que lhe deu origem.

Materiais e Métodos

A pesquisa seguiu o paradigma qualitativointerpretativo e consta de um estudo de caso. Foram realizados três *focus groups* (atletas, famílias e técnicos), com recurso a um roteiro semi-estruturado e os dados recolhidos foram tratados por análise de conteúdo, segundo as dimensões de inclusão social de Bailey (2005, 2008) (espacial, funcional, relacional e poder) e indicadores de processo (sustentabilidade, história, efeitos dos princípios de ação do projeto e expectativas).

Resultados

Os dados sugerem que (a) os princípios de ação do projeto — prática desportiva na comunidade — mobilizaram as histórias de vida, os recursos da comunidade e as necessidades partilhadas para dar origem a práticas desportivas que favoreceram a inclusão social e resultaram na normalização da

prática desportiva das pessoas com DI; e (b) que as atividades centradas nas famílias e nos clubes promoveram compromissos e expectativas que favorecem a sustentabilidade da prática desportiva. Portanto, apontam para impactos nos atletas (inclusão social) e na comunidade (desenvolvimento social).

Conclusões

Conclui-se que o envolvimento da comunidade e dos clubes em projetos de inclusão social pelo desporto destinados a pessoas com DI é viável e pode traduzir uma estratégia eficaz, uma vez que pode resultar não apenas no desenvolvimento de competências desportivas e na aproximação social, mas também no desenvolvimento social. São apresentadas recomendações para a intervenção na inclusão social.

Palavras-chave: Inclusão Social, Desporto, Deficiência Intelectual

Referências Bibliográficas

Bailey, R. (2005). Evaluating the relationship between physical education, sport and social inclusion. *Educational Riview*, *57*(1), 71-90.

Bailey, R. (2008). Positive youth development through sport. In N. L. Holt (Ed), *Youth sport and social inclusion* (pp. 89-96). London: Routledge.

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO SEGUNDO A TEORIA DE HENRI WALLON Elvio Boato, Raissa Pinto, Stheffany Feliciano, Algusto de Albuquerque

Atendimento Educacional Especializado para Alunos com Transtorno do Espectro do Autismo Segundo a Teoria de Henri Wallon

Elvio Boato¹, Raissa Pinto², Stheffany Feliciano², Algusto de Albuquerque³

¹Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, ²Universidade Católica de Brasília; Raissa Pinto – Universidade Católica de Brasília; ³Secretaria de Estado de Educação.

Introdução

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) refere-se a um grupo de transtornos caracterizados por um espectro compartilhado de prejuízos qualitativos na interação social, comportamentos repetitivos e interesses restritos (Brentani et al, 2013). Considerando essa condição, o Projeto Espaço Com-vivências atende a 82 com TEA em duas oficinas: atividades aquáticas e corpo expressão, dentro de uma perspectiva embasada na teoria das emoções de Henri Wallon, que tem como pano de fundo as relações afetivas entre professor/aluno e a ludicidade como instrumento dentro da metodologia aplicada.

Objetivos

Analisar os atendimentos educacionais especializados propostos para alunos com TEA nas oficinas do Projeto Espaço Com-Vivências e verificar sua relação com a teoria das emoções de Henri Wallon.

Materiais e Métodos

Foram feitas observações de aulas nas duas oficinas durante o período de fevereiro a outubro de 2016 e entrevista com os dois professores, para

obtenção das informações que foram analisadas dentro de uma perspetiva qualitativa.

Conclusões

os atendimentos educacionais especializados propostos para alunos com TEA nas oficinas do referido Projeto, por embasarem-se na teoria das emoções de Henri Wallon e por observarem seus princípios, principalmente aqueles relacionados à importância da compreensão da comunicação tônico-emocional e da utilização de aspectos lúdicos no processo de ensino aprendizagem, tem apresentado resultados satisfatórios com relação ao desenvolvimento desses alunos.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro do Autismo, Atendimento Educacional Especializado, Henri Wallon

Referências Bibliográficas

Brentani et al. (2013). Autism spectrum disorders: an overview on diagnosis and treatment. *Rev. Bras. Psiquiatr* [online], 35 (1), S62-S72.

.

INFLUÊNCIA DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO MOTORA DE MINI TRAMPOLIM NA COMPOSIÇÃO CORPORAL DE JOVENS E ADULTOS COM DIFICULDADES INTELECTUAIS E DESENVOLVIMENTAIS Carla Lourenço & Duice Esteves

Influência de um Programa de Intervenção Motora de Mini Trampolim na Composição Corporal de Jovens e Adultos com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais

Carla Lourenço^{1,2,3}, Dulce Esteves^{1,2}

¹Universidade da Beira Interior; ²Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD); ³Centro de estudos em educação, tecnologias e saúde (CI&DETS);

Introdução

A prática da atividade física regular é um fator de extrema importância para indivíduos com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental (DID), contribuindo para melhorias na força, equilíbrio e qualidade de vida (Bartlo & Klein, 2011). Esta população tende a apresentar problemas de diabetes e hipertensão devido aos elevados índices de massa corporal (Foley, Llyd, Turner & Temple, 2017).

Objetivos

Com este estudo pretendeu-se perceber a influência dum programa de intervenção motora de minitrampolim na composição corporal de jovens e adultos com DID.

Materiais e Métodos

A amostra foi constituída por 30 indivíduos, com DID, de ambos os sexos e com média de idades de 32,55 anos, que foram subdivididos em dois grupos: Experimental (GE, n=15) e Controlo (GC, n=15). O GE foi sujeito a um programa de intervenção motora de minitrampolim, 2 vezes por semana e durante 10 semanas. Por outro lado, o GC não usufruiu do programa. A composição corporal foi avaliada através duma balança bioimpedância e os perímetros da anca e abdominal foram medidos com recurso a uma fita métrica e de acordo com os protocolos existentes.

Resultados

Os resultados revelaram que o GE apresentou melhorias estatisticamente significativas no perímetro da cintura (p=0,000), perímetro da anca (p=0,001), índice de massa corporal (p=0,005), percentagem de gordura (p=0,000) e massa muscular (p=0,007). Contudo, o GC também registou alterações estatisticamente significativas no perímetro da cintura e anca, não tendo registado alterações estatisticamente significativas nas outras variáveis.

Conclusões

O programa estudado parece ter um efeito positivo na composição corporal de jovens e adultos com DID.

Palavras-chave: programa de intervenção motora, dificuldade intelectual e desenvolvimental, composição corporal

Referências bibliográficas

Bartlo, P. & Klein, PJ. (2011). Physical activity benefits and needs in adults with intellectual disabilities: systematic review of the literature. *American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities*, 116(3):220-32.

Foley, J., Llyd, M., Turner, L. & Temple, V. (2017). Body mass index and waist circumference of Latin American adult athletes with intellectual disability. *Salud pública de méxico*, 59(4):416-422.

Da Teoria à Prática: Formação de Profissionais em Desporto Adaptado

Pedro Pires¹, Helena Mesquita², Sergio Ibañez³, João Serrano⁴, António Machado⁴

¹Associação de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Castelo Branco; ²Escola Instituto Politécnico de Castelo Branco - Escola Superior de Educação CICS.NOVA (Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais); ³Universidad de Extremadura - Facultad de Ciencias del Deporte GOERD (Grupo de Optimización del Entrenamiento y Rendimiento Deportivo); ⁴Instituto Politécnico de Castelo Branco - Escola Superior de Educação.

Introdução

O desporto adaptado é uma plataforma desportiva ideal para dar visibilidade às capacidades individuais dos atletas e não às suas dificuldades (Carvalho,2009). Neste contexto, e como forma de dar resposta a esta problemática, a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco introduziu no seu plano de estudos uma especialização em Desporto para Deficientes. Nesta especialização (minor) encontra-se incluída a unidade curricular de Desportos Adaptados.

Objetivos

O presente trabalho visa apresentar a metodologia utilizada na lecionação da unidade curricular (UC), centrando-se esta na exploração prática de diferentes desportos adaptados.

Materiais e Métodos

Na UC os alunos tinham de completar três etapas que correspondiam à avaliação: realização de apresentações orais sobre as várias modalidades, poster´s científicos e dinamização prática de uma modalidade, sempre que possível incluindo pessoas com deficiência.

Resultados

Neste contexto foram realizadas 24 apresentações orais e posters científicos, bem como 4 dinamizações práticas (Ténis de Mesa, Boccia, Goalball e Voleibol Sentado).

Conclusões

Com os trabalhos elaborou-se uma exposição dos posters científicos, de forma a sensibilizar a população em geral que o desporto é de todos e para todos. Na avaliação de satisfação por parte dos alunos, a metodologia utilizada foi avaliada de forma bastante positiva.

Palavras-chave: Desporto Adaptado, Ensino Superior, Formação

Referências Bibliográficas

Carvalho, J. V. (2009). A importância do desporto como factor de integração — Desporto: um caminho para a integração das populações especiais. Congresso Internacional de Medicina Desportiva: Sintra.

AVALIAÇÃO DE ADULTOS COM ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO PRATICANTES DE ATIVIDADES MOTORAS

Andreza Silva; Minerva Amorim; Kathya Lopes; Alexsandro Lima

Avaliação de Adultos com Acidente Vascular Encefálico Praticantes de Atividades Motoras

Andreza Silva¹; Minerva Amorim²; Kathya Lopes¹; Alexsandro Lima¹

¹Faculdade de Educação Física e Fisioterapia - Universidade Federal do Amazonas (UFAM); ²Mestranda em Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia (UFAM);

Introdução

O Acidente Vascular Encefálico é uma síndrome neurológica que envolve anormalidade usualmente súbita do funcionamento cerebral decorrente da interrupção da circulação cerebral ou hemorragia. A prática do exercício físico tem se tornado cada vez mais presente no cotidiano da pessoa com deficiência. O Mat Pilates é uma das intervenções que podem ser utilizadas pelos profissionais de Educação Física para buscar qualidade de vida e reabilitação desses indivíduos.

Objetivos

Investigar o efeito do Mat Pilates no equilíbrio de pessoas com sequelas de acidente vascular encefálico participantes de um programa de atividades motoras.

Materiais e Métodos

Participaram do estudo 10 pessoas, na qual realizaram os testes antes (PRÉ) e após (PÓS) um período de 12 meses de intervenção. As intervenções eram realizadas 2 vezes na semana em dias alternados, tendo duração de 60 minutos cada sessão. O método de avaliação utilizado foi o Teste de Equilíbrio de Berg (MIYAMOTO et al., 2004), composto por 14 tarefas com pontuações que vão de 0 a 4 pontos, de acordo com a capacidade de realização das atividades propostas pelo protocolo. A análise de dados foi feita através da análise descritiva no SPSS versão 20.

Resultados

Após 12 meses foi possível notar a melhora significativa na pontuação e desempenho nas tarefas realizadas no teste de Equilíbrio de Berg, uma vez que a média da variável PRÉ antes da intervenção era de 39,00 \pm 8,3133 e após a intervenção passou a ser 48,20 \pm 6,3561. A pesquisa também apresentou resultados satisfatórios com relação às capacidades motoras dos indivíduos que afirmaram uma melhora no desempenho em suas atividades de vida diária.

Conclusões

Nota-se que o Mat Pilates é uma modalidade eficaz e pode trazer inúmeros benefícios para indivíduos com sequelas de AVE, podendo assim ser um grande aliado na melhora da qualidade de vida dos mesmos.

Palavras-chave: Atividade Física Adaptada; Mat Pilates; Acidente Vascular Encefálico; Atividades Motoras.

Referências Bibliográficas

Miyamoto, S.T.; Lombardi, I. JR.; Berg, K.O.; Ramos, L.R.; Natour, J. (2004). Brazilian version of the Berg balance scale. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*. v.37, n.19, p.1411-1414.

O Espetro de Inclusão – Uma Proposta Metodológica em Atividades Físicas e Desportivas

Maria João Campos¹

¹Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

Introdução

A criação de ambientes inclusivos em contextos educativos pode tornar-se um desafio para os educadores, particularmente em atividades físicas e desportivas, tendo em conta a diversidade das competências psicomotoras existentes. É neste sentido que se desenvolveu um modelo prático de inclusão que se baseia nas habilidades e nos diferentes níveis de desenvolvimento dos participantes – o Espetro de Inclusão (Black & Williamson, 2011). Esta ferramenta pedagógica oferece um contínuo de participação em atividades físicas e desportivas, de acordo com as capacidades de cada interveniente.

Objetivos

Assim, a inclusão pode ser alcançada alterando o ambiente ou a forma como a atividade é apresentada, permitindo ao educador (professor ou treinador) desenvolver atividades significativas que permitam alcançar os objetivos de aprendizagem, através de uma panóplia de tarefas e estratégias organizacionais.

Materiais e Métodos

O espetro de inclusão inclui 5 níveis de participação: 1) Atividade aberta: todos participam na mesma atividade com uma mínima adaptação ou sem alterações; 2) Atividade modificada: todos os participantes realizam a mesma atividade mas com algumas alterações (exemplos: modificação nas regras, no equipamento, na tarefa); 3) Atividades paralelas: utilizam-se grupos de nível, ou seja, os

participantes são agrupados de acordo com as suas capacidades psicomotoras; 4) Atividades alternativas: existe uma atividade planeada mas separada para um participante ou grupo; 5) Desporto adaptado: atividades que requeiram uma "integração inversa" em que os todos participam em modalidades adaptadas.

Resultados

As 5 componentes interagem entre si e complementam-se, de forma a providenciar um ambiente de aprendizagem otimizado.

Conclusões

Esta proposta metodológica tem sido implementada em diferentes países com sucesso, uma vez que facilita oportunidades de interação social com os pares e se fundamenta numa abordagem social e ambiental, centrada da tarefa, tendo como finalidade a inclusão de participantes com as mais diversas habilidades em contextos escolar e desportivo.

Palavras-chave: Espetro de inclusão; atividades físicas; ambientes inclusivos

Referências Bibliográficas

Black, K., & Williamson, D. (2011). Designing inclusive physical activity games. In A. Cereijo Roibas, W. Stamatakis, & K. Black (Eds.), *Design for sport*, pp. 199–230. Surrey, UK: Gower.

Trilha Sensitiva – Uma Estratégia de Inclusão

André Melo¹

¹Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Introdução

A implementação da inclusão propriamente dita, requer quebra de barreiras arquitectónicas e atitudinais para que de fato aconteça. A Trilha Sensitiva traz essa proposta de conscientização da comunidade escolar acerca da importância da inclusão e do respeito às diferenças através de vivências proporcionadas em um espaço, intencionalmente criado na perspectiva da estratégia de inclusão.

Objetivos

Contribuir para a formação cidadã dos alunos; elevar a autoestima da pessoa com deficiência e demais participantes; promover relaxamento e interação com a natureza; sensibilizar a comunidade escolar sobre a importância da inclusão e do respeito às diferenças.

Materiais e Métodos

O material utilizado foi sucata e itens comuns como papel, bambu, lápis, textos para reflexão, garrafa de plástico, areia, grama, serragem, pedras, mesa com quatro cadeiras, objetos sonoros, plantas medicinais, venda para os olhos e uma pequena fonte com queda d'água. Na metodologia que utilizou como instrumento um questionário baseado na escala de Likert, primeiramente buscou-se envolver os

participantes na vivência da trilha, onde com os olhos vendados, percorreram o trajeto descalços para absorver melhor as sensações das diferentes texturas dispostas ao longo do percurso que em algum momento não mais oferecia a segurança do corrimão para que houvesse o exercício do senso de direção, o despertar do olfato, tato, audição e paladar.

Resultados

Percebeu-se nas respostas dos participantes uma importante consciência acerca da inclusão social e do respeito às diferenças, 98,74% concordou com a matrícula de alunos com deficiência em escolas de ensino regular e não em escolas criadas exclusivamente para esse segmento social que são boas mas segregam.

Conclusões

O convívio entre as pessoas já traz em si ensinamentos que englobam a aceitação e o respeito às diferenças, e a Trilha Sensitiva sendo um espaço aberto construído dentro da escola, funcionou como um mecanismo de consolidação da inclusão em si.

Palavras-chave: Inclusão, consciência, diferença